

Iêda Thomé

SUPERANDO A CEGUEIRA

Uma história verídica

Rio de Janeiro
2014



Copyright © iedathome

Ilustrações: fornecidas por Jalteir Nascimento
Capa: Ieda Vieira Franco Thomé
(Rio Cabungui, em Vargem Grande, Rio de Janeiro, RJ)

Prefácio de:
Lenita Holtz

Impressão e acabamento de:
Gráfica Bruner

Editora:
VIDA FELIZ

Supervisão:
Cid Carlos Roque Thomé

T452s

THOMÉ, Iêda

Superando a cegueira, uma história verídica:
Iêda Vieira Franco Thomé. Rio de Janeiro, Vida
Feliz, 2014

64p

21cm

ISBN 978-85-67446-01-1

1- Literatura brasileira, Biografia romanceada.
I - Título

CDD 920.81

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

VIDA FELIZ

Av. Gaspar de Lemos, 12 fundos,
Ilha de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ

CEP 23.020-110

www.vidafelizrj.org

contato@vidafelizrj.org

Agradecimento

Registro aqui o meu agradecimento aos filhos do Sr. Jackson Nascimento, por suas autorizações e, principalmente, ao Jalteir, que acreditou em mim e me deu a oportunidade de escrever este livro. Por tabela, agradeço também aos netos e a todos os demais parentes, que me acolheram na festa do aniversário de cem anos de Dona Margarida, viúva do Sr. Jackson, e me forneceram todas as informações, com seus depoimentos, que eu necessitava para terminar de compor esta história verídica.

Não posso deixar de registrar também que foi através do meu amado esposo, Cid Thomé, que conheci o Jalteir, e que foi ele que fez esta ponte, acreditando que eu fosse capaz de cumprir tal missão.

Finalmente, quero agradecer a Deus por estar viva para vivenciar este momento tão importante em minha passagem por aqui.

Iêda Thomé

Superando a cegueira

Depoimentos

☐ Superando a cegueira

O *Ceguinho da Vargem Grande*, como era conhecido, criou seus oito filhos tirando areia do Rio Paineiras, durante doze anos. Ele gostava muito de assoprar sua flauta de bambu e de dar suas pedaladas na bicicleta. Eu era, desde criança, o seu guia preferido, que o levava para todos os lugares, puxando sua bengala de madeira.

Antes de trabalhar na Petrobrás, trabalhei na lavoura, no terreno da minha família, e no terreno do vizinho, e, ia trabalhar na feira com minha prima Catarina, até os meus dezesseis anos. Depois fui para uma fábrica; para a Luso Brasileira, uma empresa dentro da Petrobrás, ponte para um ano e meio depois ser admitido na Petrobras, em 1976. Com meu primeiro salário, comprei alguns materiais e construí uma casa para mamãe, que morava numa casa de estuque, que já estava quase caindo.

Em 1979, minha mãe foi morar em sua nova casa de tijolo com laje e toda mobilidade junto com seus três filhos: Marisa, Jalteir e Jaldir, e o seu genro Aristeu, que resolveu construir junto.

Jalteir Nascimento
(Filho)

Superando a cegueira

A adolescência segue com muita dificuldade, papai cego e muito rígido, cobrava, pois sabia que o trabalho era a dignidade e formação para nos tornarmos “grandes homens”.

Brincar e trabalhar. “Ô vida sofrida e Severina” para um menino que sonhava, sonhava e sonhava...

Chega a época de ir pro quartel, anos 70 e “Vida a liberdade!” Foram os 10 meses e 17 dias, os melhores dias da minha vida! Dormia no quartel pra economizar e pode ajudar com aquela “merrequinha” em casa. Deu até pra pagar uma dívida antiga de papai no armazém. Conto isso com orgulho.

A vidinha de papai não era fácil: cego, sustentar e educar filhos, não era fácil mesmo! Apesar de tudo, éramos felizes...

Hoje, aos 63 anos, posso contar isso rindo. Escrevo essas linhas tendo em mente e sabendo que tenho muitas histórias e causos. Grandes dificuldades e alegrias eu vivi e isso me fez ser quem sou hoje. Sou Tinho, apelido dado por ser muito tinho.

Papai, onde quer que esteja, tenho certeza do seu orgulho por mim. Obrigado por tudo e se não tivemos a oportunidade de olhar “olho no olho” e darmos gargalhadas e abraços, sintam esse momento, pois nunca é tarde.

É com muito carinho que conto para minhas quatro filhas, Círenice, Sandra, Suely e Sirlene e seus maridos e filhos, um pouco da minha vida ao seu lado. Isso me faz bem, bem mesmo!

Jailton Nascimento (Tinho)
(Filho)

São várias as lembranças e acontecimentos. Nunca esqueci, quando meu pai teve uma erisipela na perna. Após desinchar, encheu de areia do rio, formando um saco de areia na sola do pé. Foi necessário remover todo aquele tecido. Foi muito triste.

Outro acontecimento triste foi quando homens irresponsáveis que estavam passando na rua, em cima de um caminhão, laçaram com uma corda o meu irmão Jailton, feito boi brabo. Ele foi arrastado por alguns metros. Por sorte, conseguiu se desvencilhar da corda, senão teria morrido. Mas ficou com o pescoço todo ferido. Meu pai ficou muito nervoso, porém não pode fazer nada.

Agora vou falar de momentos mais agradáveis: ele tinha um cuidado muito grande com os filhos. A festa natalina, ele adorava, não podia faltar a sua fruta predileta: abacaxi. Se minha mãe cortasse em rodelas finas, ele reclamava. Não dispensava o terno, era vaidoso.

Ele só conheceu duas netas: Márcia e Mônica, filhas do filho mais velho Jalcemir.

Marília do Nascimento Andrade
(Filha)

Sou uma das cinco sobrinhas do meu Tio Jackson, filha do seu irmão mais velho, Milton.

Vida difícil, até que foram morar em Vargem Grande. Construíram uma casa de pau-à-pique, em um terreno cedido pela família da Tia Margarida. Uma casa humilde, sem luz luz de lamparina, sem água canalizada e, sem outros. Porém ali, ele sobreviviam.

Plantavam aipim, abóbora e outras leguminosas, criava porcos, galinhas, patos, que dava para seus sustentos. Ainda assim, deficiente, tirava areia do rio que passava nos fundos do quintal, para vender. Construía gaiolas para pássaros com varetas extraídas do bambuzal que tinha no quintal.

Alguns finais de semana, papai nos levava para visitá-los. Como era bom aquele convívio! A comida era simples, porém muito saudável. Legumes, verduras, galinha, tudo produzido ali e, feita com muita higiene e carinho pela Tia Margarida, Dedé, carinhosamente assim chamada.

Até hoje lembro, do fato, que meu tio conhecia os filhos ao tocar carinhosamente em suas cabeças. A família era composta de 8 filhos, cinco homens e três mulheres. Graças a Deus, ele criou os filhos e, todos trilharam bons caminhos. Gosto muito da família. Quando posso, vou visitá-los. Tia Dedé é uma guerreira, até os seus 90 anos ainda carpiá o quintal. Essas são minhas lembranças da vida e caminhada do meu querido Tio Jackson.

*Célia, de Campo Grande
(Sobrinha).*

Prefácio

A escritora Iêda Thomé, relata com emoção a história da saga de um homem simples, que perdeu a visão ainda jovem, mas não se deixou abater e, com muita garra foi trabalhar para sustentar a sua numerosa família, sem medir as consequências que isto poderia lhe acarretar. A luta do Sr. Jackson, que mesmo com deficiência soube superar o drama, nos serve de lição, sim, porque ele pode e deve ser considerado um exemplo de vida! O livro “Superando a cegueira” merece ser lido com muita atenção, pois o conteúdo do texto nos faz entender que com força de vontade e amor é possível vencer barreiras que, de repente, parecem intransponíveis.

Louvável o gesto de seus filhos em prestar esta homenagem, registrando momentos de alegrias, tristezas e dificuldades. O sofrimento não foi só do Sr. Jackson, mas de todos os seus familiares, e, com o dom da sabedoria ele educou seus filhos, severo, mas o resultado foi positivo, pois todos se tornaram pessoas de bem e sem traumas.

Iêda Thomé, que também é poetisa e ativista cultural, é sempre brilhante em tudo o que se propõe a fazer e, nesta narrativa, nos leva a repensar no comportamento com relação a problemas que surgem em nossas vidas. “Se não houver luta, não haverá vitória!”

Estou lisonjeada em ser convidada para prefaciar este livro tão importante e de teor verídico. Não posso deixar de comentar que Iêda foi uma das fundadoras do “Bom dia, Poesia!”, que, atualmente, acontece no espaço Vida Feliz, entidade coordenada por ela, que tem por objetivo oferecer melhores condições de vida aos idosos, com: esporte, lazer, cultura e saúde. Nos festivais de música de Guaratiba, foi a apresentadora oficial por vários anos. Deixou

Superando a cegueira

saudades por sua notável competência e carisma. Este livro, com certeza, será mais um sucesso na sua carreira literária.

Lenita Holtz
06/04/2014.

(Lenita Holtz é artista plástica, ativista cultural, Foi colunista do Jornal do Brasil e do Guarazão. Escreve poemas, crônicas e contos. Também já escreveu para teatro. Possui um livro publicado através do Consórcio Literário Verso e Prosa: “Meus mais diversos caminhos!”)



Naquele dia, o Sr. Jackson precisava acordar cedo. Como de costume, saía sempre às quatro horas da manhã para trabalhar. Ele era guarda da Cantareira, em Niterói, RJ. Havia mudado para Niterói, justamente, para ficar mais perto do trabalho. Porém, neste dia, sua esposa, Dona Margarida, Dedé para os mais próximos, estava ausente. Sua amada mãe, que morava em Vargem Grande, adoecera e precisando de cuidados, a chamara para ficar junto a ela, apenas por alguns dias. Ela saiu de Niterói e foi, juntamente com seus filhos, para junto de sua mãe.

Era Dona Margarida que sempre lhe preparava o café antes de acordá-lo, mas neste dia ela não estaria em casa. Como já estava acostumado a esta rotina e com medo de perder a hora, o Sr. Jackson pediu ao sobrinho da proprietária da casa na qual morava, a sua vizinha, que o acordasse às quatro horas da madrugada.

Quando acordou, muito estranhou o fato de se

Superando a cegueira

encontrarem em seu quarto, não só o sobrinho, mas, também, a proprietária do imóvel. Sentiu uma ardência em seus olhos. Quanto mais esfregava, mais ardia. Ficou a imaginar o que estaria havendo ali. Por que eles estavam lá dentro? Não bastava bater na porta? Será que jogaram alguma coisa nos seus olhos? O Sr. Jackson sabia que a vizinha mexia com forças ocultas. Seria alguma coisa do além?!

Seis meses depois estava completamente cego.



Sr. Jackson Nascimento nasceu em Campos, interior do Estado do Rio de Janeiro, em 06 de janeiro de 1921, filho de Nilo Nascimento e Tereza Guedes Nascimento. Com cinco anos de idade, veio, junto com seus pais e mais nove irmãos (*Luís, Geni, Milton, Vilson, Nelinho, Fani, Dinorá, Adrião e Enock*) morar em Campo Grande, numa área de noventa e oito lotes de terra que, não se sabe como, foram perdidas ao longo do tempo.

Todos estes seus irmãos eram filhos do mesmo pai. Mesmo com a pouca idade que tinha, ajudava nas quitandas que seus pais possuíam por lá. Só quando completou doze anos, não satisfeito com a situação de seu pai ter três mulheres (uma era a esposa e tinha mais duas), saiu de casa e foi morar com sua tia Noêmia, em Ramos, onde ficou até inteirar quinze anos.

Aos quinze anos foi morar com seu tio Guilherme, irmão de sua mãe, e sua tia Marinha que

Superando a cegueira

possuíam quatro filhos, seus primos: *Cléia, Carlos, Carolina e Cremildo*, em Vargem Grande. Tio Guilherme era dono de um armarinho e seu ofício era alfaiate. Com ele, o Sr. Jackson aprendeu a profissão. Essa união durou até a idade de vinte e um anos, quando o Sr. Jackson conheceu Dona Margarida da Conceição, por quem se apaixonou. Deixou a casa do tio Guilherme para se casar. Ele com vinte e um anos e ela com vinte e oito, foram morar no terreno de propriedade da família dela no mesmo bairro, Vargem Grande, no Caminho do Cabungui, como é conhecido até hoje.

Em 1942 nascia seu primeiro filho, Jalcemir, e, logo depois, começou a trabalhar na Guarda Municipal, em Niterói, mudando a sua residência também para Niterói, à Rua Martins Torres, 125, em Santa Rosa, em uma casa alugada. Entre 1942 e 1952 nasceram mais quatro filhos: *Marilda, Jalmir, Marília e Jailton*.



odos os dias, o Sr. Jackson se arrumava todo, com o seu melhor uniforme (era muito caprichoso) e se dirigia ao seu posto, na Cantareira. Mas, com o tempo, depois daquela madrugada em que foi acordado pelo sobrinho da vizinha, com a vizinha penetrando em seu quarto, sua visão foi diminuindo, diminuindo, a ponto de precisar ir ao médico. Ele não queria ir, pois pensava que estaria perdendo um dia de trabalho e assim deixaria de prover o sustento para seus filhos, mas, por, realmente, necessitar, acabou por ser convencido de que nada lhe restava senão a opção de ir ao médico e, depois, ver o que poderia fazer.

Foi Dona Margarida que levou o Sr. Jackson até o oftalmologista para ver do que se tratava aquela sensação de ardor, pulsante e dolorosa que ele sentia nos olhos, que resultava em dificuldades para enxergar. Entretanto, mantiveram-se calados durante todo o trajeto, cada um com seus pensamentos. Na

Superando a cegueira

verdade, os dois pensavam quase que a mesma coisa: o que será que aquela lá teria feito?! Aposto que foi macumba! Embora tentassem afastar esse tipo de pensamento, não conseguiam, e, para disfarçar, apertavam-se as mãos carinhosamente um do outro. Aos poucos, o Sr. Jackson ia perdendo a sua visão, na verdade, ele já estava quase cego, mas disfarçava como se estivesse apenas distraído, como se não tivesse percebido isso ou aquilo quando lhe perguntavam se ele não havia visto.

Ele não parava de se perguntar como era possível que tão grande desgraça estivesse a acontecer a ele. Temia só em pensar se perdesse, de vez, a sua visão.

Ele sempre pensou que pudesse controlar completamente a sua vida, no entanto, agora, sabia que não podia controlar tudo. Esta cegueira não estava em seus planos.

Uma voz interna lhe dizia: “Não importa!” “Seja criativo!” “Se há motivos para morrer, há muito mais pelos quais viver!”

Ele já sabia que ninguém iria fazer por ele o que ele mesmo tinha que fazer. Ele tinha que descobrir sozinho o que fazer e que deveria passar um tempo sozinho se fazendo as perguntas difíceis. Depois descobrir o que realmente quer e como conseguir.

É preciso coragem e dedicação para viver os seus sonhos! Ele se levantava toda manhã, cheio de animação, para enfrentar o começo de cada dia, tomado de uma alegria sincera altamente contagiante.

Ele não queria, mas sabia que quanto mais demorasse a se tratar, mais cedo poderia ficar cego e sem remédio, ou seja; sem chance de recuperação.

Já no consultório o médico quis saber o que se passava. O Sr. Jackson então explicou que sentia uma coceira nas vistas e que estava sentindo dificuldade em enxergar, desde aquele dia fatídico que...

O oftalmologista o interrompeu, perguntando se já tinha lhe acontecido antes sentir alguma coisa parecida com isso. O Sr. Jackson disse que não. Quis saber se existia algum caso de cegueira na família. E ele disse não. Ainda perguntou se sofria de Diabettes, Hipertensão, de Sífilis. E a tudo o Sr. Jackson respondia não, não e não. E já cansado de tantas perguntas disse que onde trabalhava estavam sempre a fazer exames e que nunca encontraram nele qualquer problema de saúde, a não ser, uma vez, uma pressão alterada.

O Sr. Jackson trabalhava na Guarda Municipal, em Niterói. Já morava em Niterói há uns dez anos e era Guarda da Antiga Cantareira. Em sua casa tinha uma salinha com a máquina de costura e, nas horas vagas, aproveitava para fazer ternos de linho para aumentar a sua renda. Costurava para o Governador de Niterói, Roberto Silveira e sua família.

O médico disse: Ok. Quantos anos tem? Trinta e dois, respondeu.

Bom, então vamos lá observar esses olhos.

O Sr. Jackson abriu bem os olhos para que o doutor pudesse observar, mas o médico tomou-o por um braço e foi instalá-lo por trás de um aparelho em que o Sr. Jackson precisou apoiar o queixo numa pequena prateleira e encostar a testa numa outra e ficar bem quieto para que o médico o observasse. Dona Margarida pôs-lhe as mãos aos ombros e disse em seu ouvido qualquer coisa que lhe acalmasse o coração como, “*verás que tudo se resolve já já!*”.

O médico fez girar alguns parafusos, para cima e para baixo e principiou a examinar. Olhou a córnea, a íris, a esclerótica, a mácula lútea, o nervo óptico e nada encontrou em parte alguma. Saiu do aparelho, esfregou bem os olhos e depois voltou ao início, sem nada dizer. Voltou a sua mesa, escreveu alguma coisa num papel, pediu aos dois que se sentassem nas

Superando a cegueira

cadeiras à sua frente e explicou:

- Não encontro nada que justifique o que o senhor sente, entretanto vamos ter de fazer alguns exames mais minuciosos para fechar um diagnóstico.

Eles saíram do consultório com uma lista de exames para fazer e nenhum dinheiro no bolso. Agora a situação financeira estava ficando difícil, com cinco filhos para criar e já não estava conseguindo mais fazer os serviços de alfaiate, pois a vista atrapalhava.

Logo depois se aposentou por invalidez, completamente cego. Mas, devido a problemas burocráticos ficou sem receber salários mais ou menos por doze anos.



Definitivamente cego, com cinco filhos para criar não viu alternativa senão voltar para Vargem Grande. Com a ajuda de Dona Margarida e dos filhos, construiu um barraco de sapê no terreno da família de sua esposa. As crianças se divertiam jogando o barro contra os bambus entrelaçados que o Sr. Jackson segurava pelo lado de dentro.

O terreno possuía uma área estimada em cinco mil metros quadrados. Nos fundos do terreno passava um rio chamado Cabungui e à frente, do outro lado da rua, o Rio Paineiras. Sem saber como sustentar a família, Sr. Jackson, além de plantar verduras, hortaliças, criar galinhas, patos e porcos, começou a retirar areia do rio para vender.

A cegueira nunca foi impedimento para ele! Ficava dentro do rio, não queria que os filhos se aventurassem. Tinha medo deles se machucarem. Sua sabedoria lhe alertava para os perigos de ficar com os pés dentro d'água por tanto tempo, porém

Superando a cegueira

precisava encontrar uma maneira de prover a alimentação para aquelas crianças. Mas, aceitava a ajuda deles para servir de guia, para atravessar a rua e chegar até a água. Não os deixava entrar na água. Eles ficavam nos bancos de areia, transferindo a areia que o pai jogava, do primeiro banco para o segundo banco de areia e daí para o caminhão.

A profissão deu certo e em pouco tempo ele possuía quatro bancas de areia. Mesmo estando cego, ele trabalhava das oito da manhã até as dezessete horas dentro do rio, só saindo para almoçar. Os filhos sempre ajudando. Trabalhavam de domingo a domingo.



Em 1965, com mais três filhos, a Guarda Municipal foi incorporada a Polícia Civil (Lei 4.878), então se acabaram os entraves burocráticos e o Sr. Jackson voltou a receber salário como inativo. Com a volta do salário já deu para o Sr. Jackson, juntamente com seus filhos, consertar e aumentar mais cômodos no barraco, já que a família tinha crescido bastante. Agora eram dez pessoas.

Em seu terreno havia um bambuzal que, além de ter sido utilizado para a construção da casa, também era utilizado para construir gaiolas, pipas e flautas que o Sr. Jackson, sem que ninguém ensinasse, fazia, escolhendo o melhor bambu ou a melhor parte de um bambu para transformar em flauta; ensinava a seus filhos como era feita essa escolha, pedia a eles para cortar aqui e ali e depois orientava onde fazer os furos. Ele mesmo depois experimentava para ver se o som estava bom, e, de ouvido, sem nunca ter aprendido a tocar flauta, tocava diversas

Superando a cegueira

melodias.

Dona Margarida cuidava dos afazeres domésticos, que eram muitos; lavava, passava, limpava, fazia a comida. Mesmo pobres, embora simples, a comida era muito saudável. Legumes, verduras, fresquinhas, colhidos no quintal, galinha criada no terreno, tudo feito com muita higiene e carinho.

Todos os meses o Sr. Jackson ia com sua esposa buscar o seu pagamento, em Niterói, no antigo Banco BANERJ e aproveitava para visitar seus parentes e amigos que lá moravam. Nessa oportunidade colocava o seu uniforme da Guarda da Cantareira.



Em 1968, o Sr. Jackson e Dona Margarida conheceram uma senhora chamada Edna (já falecida) que os levou ao Hospital São Zacharias, em Botafogo, de Gordini, a sensação do momento. Ela dizia que ia curar o Sr. Jackson. Nessa época fizeram vários exames; tonometria, fundo de olho e descobriram glaucoma e, pelo exame de sangue, Diabettes. Segundo o oftalmologista o glaucoma é uma lesão do nervo óptico causada pela elevação da pressão intraocular e que, se não for tratada, pode levar à cegueira. A cegueira causada pelo glaucoma não é reversível porque ela se dá pela lesão que ocorre em fibras de nervos que saem da retina para o nervo óptico. Por este motivo, disse que não tinha mais jeito, nem mesmo a cirurgia faria a visão voltar ao normal.

Ainda assim o Sr. Jackson utilizava ervas como erva de Santa Maria para lavar os olhos e, de uma vez, tirou dos olhos um pedacinho de agulha, linha e cabelo.

Superando a cegueira

A Diabete, aliada aos pés úmidos, sempre dentro do rio, provocaram erisipela no Sr. Jackson que se retirava do trabalho apenas pelo tempo suficiente para melhorar a vermelhidão da perna e já voltava a trabalhar.

De uma vez foi necessário um cirurgião para retirar a areia que se alojou por dentro da pele de seus pés, formando uma bolsa de areia.



Um dia o Sr. Jackson recebeu a visita de um amigo chamado Onofre, que tinha o braço e a perna esquerdos paralisados, devido a um derrame que sofrera. Ele também tinha sido polícia civil e morava em Alcântara, Niterói. Nesse dia o Sr. Jackson, acompanhado de seu filho Jalteir, o levou à loja de seu tio, no Largo da Vargem Grande. Compraram umas cervejas e refrigerantes. Quando voltaram para casa, na hora do almoço, o Sr. Jackson, para implicar com Dona Margarida, fala que eles tinham arrumado uma namorada cada um. Seu filho, Jalteir, que os tinha acompanhado, o desmentiu e para que ele aprendesse a nunca desmentir os mais velhos levou uma surra que lembra até hoje. Naquela época a educação era coisa séria e os pais agiam com pulso forte para criar filhos honestos e educados. Nem por isso seu filho ficou traumatizado ou deixou de gostar dos seus pais. Pelo contrário, segundo relato de Jalteir, tem muito orgulho de seu pai.

Superando a cegueira

Dizem que com o tempo, quando a pessoa perde a visão, que é um dos nossos cinco sentidos, afloram mais os outros sentidos que são o tato, a audição, o olfato e o paladar. O Sr. Jackson conhecia as pessoas pelo tato. As pessoas não queriam acreditar. Faziam apostas. Pediam que não se dissesse nada e deixasse que ele descobrisse quem eram apenas num apertar de mãos. O Sr. Jackson, se já houvesse apertado aquela mão por apenas uma vez, já dizia o nome da pessoa.

Várias vezes, quando ia ao armário de seu tio, já estava acostumado com alguns vendedores e representantes comerciais, que se lá estivessem, era capaz de saber quem era. Aos seus filhos distinguia apenas por passar as mãos em suas cabeças.



Em 1975, o Sr. Jackson, como era de costume, foi à Niterói receber o seu pagamento. Passou mal na lancha que fazia a travessia Rio Niterói e foi socorrido no Hospital Antonio Pedro. Foi liberado pouco tempo depois. Na volta pra casa, sentiu-se mal, outra vez, dentro da lancha, e, mais uma vez, levado para o Hospital Souza Aguiar, desta vez, onde ficou internado por três dias. Seu irmão, Milton, conseguiu uma transferência para o Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, aonde o Sr. Jackson veio a falecer dois dias depois, vítima de um derrame cerebral (AVC), com cinquenta e quatro anos de idade, no dia 27 de junho de 1975. Por coincidência, ele faleceu no mesmo bairro onde foi morar aos cinco anos de idade.

Graças à obstinação, à garra e à rigidez de caráter do Sr. Jackson, que superou todas as adversidades causadas por sua cegueira, hoje, seus descendentes podem dizer que estão bem, pois todos foram bem orientados e seguiram o caminho do bem.

Superando a cegueira

O filho mais velho, Jalcemir, foi trabalhar no Hospital de Curicica; a Marilda em lojas; Jalmir e Jailton, na Cedae. Marília se formou enfermeira e foi trabalhar no Hospital Salgado Filho. Só Marisa ficou cuidando da sua mãe. Jalteir e Jaldir foram trabalhar na Petrobrás. Hoje, Jalteir é Diretor de Esportes do CEPE/Rio.

Dois de seus oito filhos já faleceram: o mais velho, Jalcemir; e o mais novo, Jaldir. Sua viúva, Dona Margarida está com cem anos de idade e ainda mora no mesmo terreno com alguns filhos, genros, noras, netos e bisnetos, no mesmo local onde nasceu. Sua família, hoje, se compõe de seis filhos, dezoito netos e quatorze bisnetos.

Álbum de família



Margarida (viúva) e Maria
(cunhada)



Adrião e Milton (irmãos)

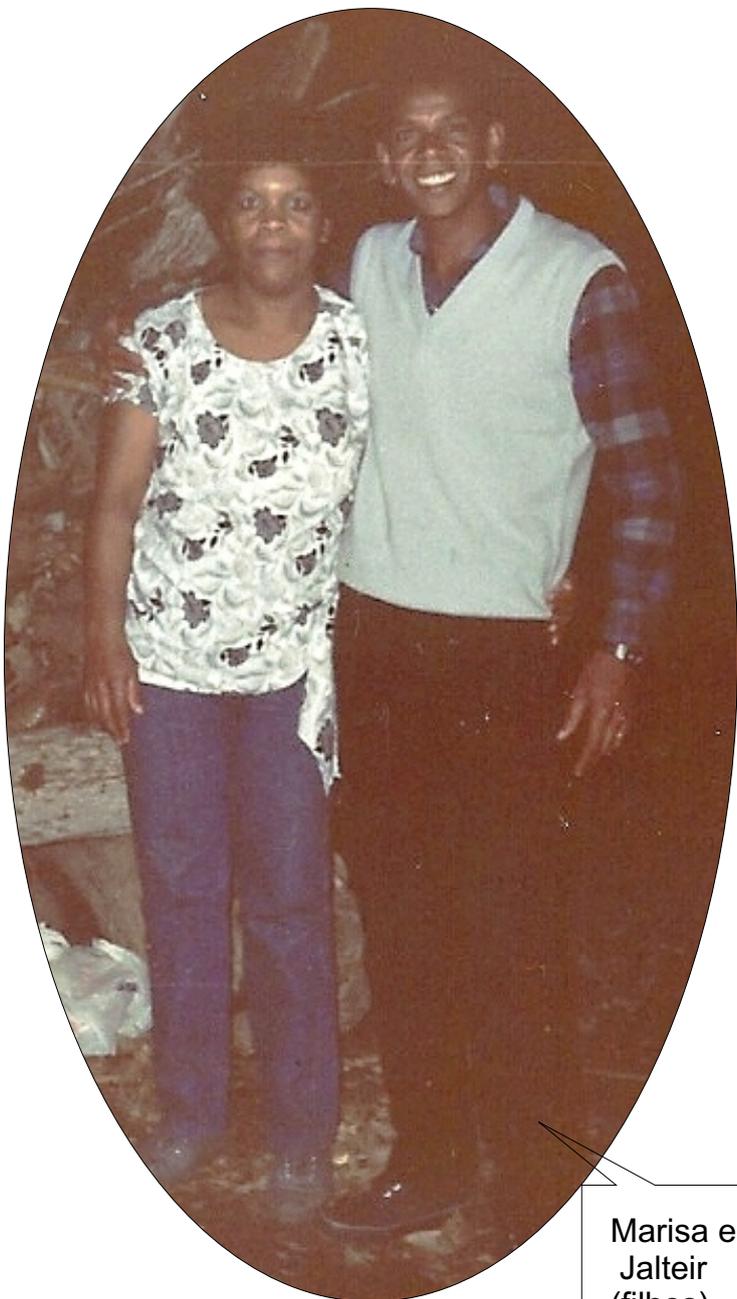
Jalcemir
(filho) e
Maria Lucia
(nora)



Superando a cegueira

Fani,
Enock,
Milton
(irmãos
do Sr.
Jackson)
As crianças
são filhos
do Wilton
(sobrinho
mais
velho)





Marisa e
Jalteir
(filhos)

Superando a cegueira



Jaldir (filho), Rosemary (nora) e
seus três filhos



Lucia (nora), Aristeu (genro),
Alexandre (neto),
Mariza (filha) e Cirene (nora)



Marcia(neta), Jalmir(filho),
Alexandre (neto),
Jailton (filho) e Jaldir (filho)

Festa de aniversário de 90 anos
de Margarida (viúva do Sr. Jackson)
com filhos, netos e bisnetos





Iêda Thomé

Superando a cegueira



Superando a cegueira

Jorge (genro), Marilda(filha)
e no colo, o bisneto, João Renan

Jailton (filho) e sua esposa Cirene



Superando a cegueira



Superando a cegueira

Sueli (neta) e
João Lucas (bisneto)



Celia (neta)



Cirenice
(neta)

João Pedro
(bisneto)



Mariane
(neta)

Robson
(neto)



Rudson
(neto)



Yasmin
(bisneta)

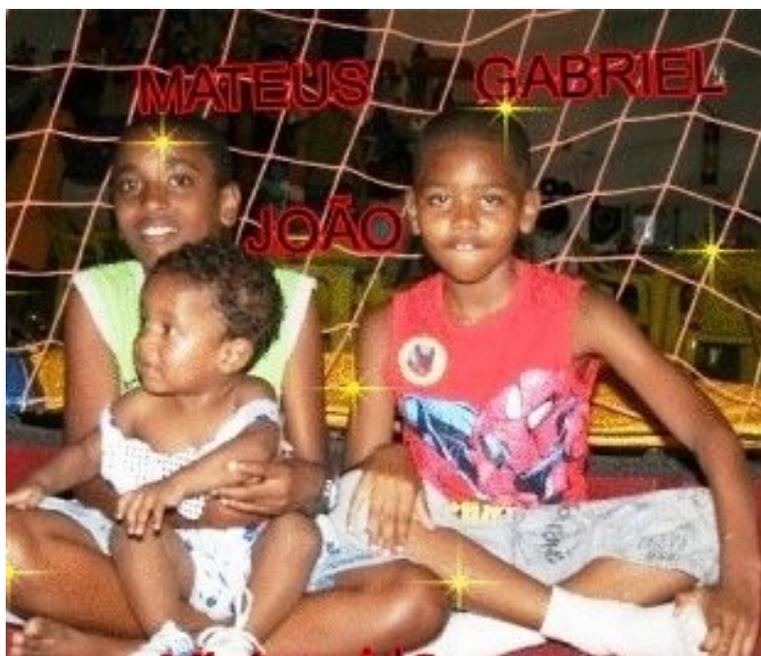


Maria Lucia (nora),
sua filha Marcia e os netos
Yasmin, João Pedro,
Yan e Giulia.

Superando a cegueira



Jorge (genro), sua filha Camila e suas netas Mariana e Isabela



Mateus, Gabriel e João Lucas (bisnetos)



Marta (neta) e seu cônjuge Evandro



Darci (genro), Alessandra (neta),
Daniele (neta) e Marília (filha).



Marília (filha), Margarida (viúva),
Daniele (neta) e Marisa (filha)

Camila e Daniele
(netas)



Jalmir (filho) e sua esposa Maria



Margarida (viúva)



Maria Fernanda (nora), Jalteir (filho)
Alessandra (neta) e Margarida (viuva)

Iêda Thomé



Alexandre (neto), sua esposa
Fernanda Borges e seu
filho Natan (bisneto).



Jailton, Jalteir
e Jalmir
(filhos)



Marilia
(filha)

Superando a cegueira



Os filhos: Jalteir, Mariza, Jailton,
Marília, Jalmir e Marilda



Superando a cegueira



Margarida,
na festa dos
cem anos.
Acima,
seus netos

Iêda Thomé



República Federativa do Brasil

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CAMPO GRANDE - GUARATIBA - SANTA CRUZ

Rua Augusto Vasconcelos, 104 - Tel. 394-1621 - Campo Grande - ZC 26

SUCURSAL: Rua Lopes de Moura, 58 - Tel. 395-0537 - Santa Cruz - ZC 36

CERTIDÃO DE ÓBITO

Maria Nazareth Bias Fortes de Abreu, Oficial da Décima Terceira Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais.

CERTIFICO, que do Livro n.º 1F91 de REGISTRO DE ÓBITOS a folhas 182v termo 54.364 consta o de JACKSON NASCIMENTO =

Idade cinquenta e quatro anos Cor parda

Estado civil Casado com Margarida da Conceição Nascimento

Natural do Estado do Rio de Janeiro

Profissão aposentado

Domicílio Rua Jaguarema, 42

Local do óbito Hospital Rocha Faria

Filho de Nilo Nascimento e de Thereza Guedes Nascimento.

Falecido de acidente vascular cerebral

às seis horas de 27 de junho de 1975

Conforme atestado do Dr. Francisco Rodrigues de Mores

Superando a cegueira



FAMÍLIA NASCIMENTO:

Jalcemir (falecido) e Maria Lucia

Filhos: Márcia, Mônica e Célia

Netos: Yasmim, João Pedro, Yan e Giulia

Marilda e Jorge

Filha: Camila

Netos: Isabela, Mariana e João Renan

Jalmir e Maria

Filhos: Robson e Rudson

Neta: Larissa

Marilia e Darci

Filha: Daniela

Jailton e Cirene

Filhas: Cirenice, Sandra, Suely e Sirlene

Netos: Mateus, João Lucas e Gabriel.

Marisa e Aristeu

Filhos: Marta e Artur

Neto: Pedro Henrique

Jalteir e Maria Fernanda

Filhos: Alexandre e Alessandra

Neto: Natan

Superando a cegueira

Jaldir (falecido) e Rosimary

Filhos: Vinicius, Mayara e Mariane

Sr. Jackson e Dona Margarida tiveram: 8 filhos, 18 netos e 14 bisnetos

DATAS IMPORTANTES:

- 1- Margarida da Conceição Nascimento (esposa) nasceu em 21/04/1914 e foi registrada em 28/11/1914.
- 2- Jackson Nascimento nasceu em 06/01/1921 e faleceu em 27/06/1975.
- 3- Jalcemir Nascimento (filho) nasceu em 06/03/1942 e faleceu em 03/03/2000.
- 4- Marilda do Nascimento Pereira (filha) nasceu em 10/10/1944.
- 5- Jalmir do Nascimento (filho) nasceu em 09/08/1948.
- 6- Marília do Nascimento de Andrade (filha) nasceu em 17/12/1949.
- 7- Jailton do Nascimento (filho) nasceu em 28/03/1951.
- 8- Marisa do Nascimento Barros (filha) nasceu em 30/10/1953.
- 9- Jalteir Nascimento (filho) nasceu em 11/07/1955.
- 10- Jaldir Nascimento (filho) nasceu em 22/08/1957 e faleceu em 29/06/2007.

Seguindo em frente

*Quando a gente pensa
que nada mais vai dar certo,
A esperança nos diz que devemos lutar;
A vida nos ensina o caminho certo
E o amor nos mostra aonde quer chegar.*

*E a gente vai seguindo
Ainda meio sem rumo
Mas todos os caminhos
Levam-nos ao mesmo lugar*

*Às vezes a gente para,
Sem saber pra onde ir,
Mas quem vem atrás
Não nos deixa parar.*

*Entre erros e contratempos
A gente segue em frente
E no final a gente chega
Aonde a vida nos levar.*

*Iêda Thomé
(Em homenagem a família Nascimento)*

Este livro foi requisitado por Jalteir Nascimento, hoje aposentado, casado com Maria Fernanda Gomes Nascimento. Tem dois filhos: Alexandre Gomes Nascimento e Alessandra Gomes Nascimento; e um neto: Natan Borges Alves Nascimento.

Foi Jalteir que forneceu a maior parte das informações e ilustrações contidas neste livro. Também constam relatos e depoimentos de seus irmãos Jailton Nascimento, Marília do Nascimento, sua cunhada Maria Lucia, viúva de seu irmão Jalcemir, e de sua prima Célia, filha de seu tio Milton, de Campo Grande.

Superando a cegueira Este livro foi impresso na Cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2014, pela Gráfica Brunner Ltda, para VIDA FELIZ - Associação de Atendimento, Apoio, Valorização e Orientação à Terceira Idade. As fontes utilizadas foram: Abadi MT Condensed Light, Arial, Arial Black, Lucida Handwriting e TitlingCaps. Impresso em papel off-set 70g?m2.